

Estratégias globalizantes e o Nordeste agrário

Maria de Fatima Yasbeck Asfora¹

Resumo:

Este artigo trata das reflexões críticas de diversos autores em torno das estratégias utilizadas no processo da globalização. A partir desse quadro, buscaremos uma compreensão das conseqüências sociais e políticas operadas através dos mecanismos da globalização, tendo como unidade de análise o Vale do São Francisco, *locus* que, desde o final da década de oitenta, vem sendo integrado ao mercado internacional.

Palavras-chave: globalização, nordeste agrário, penúria social.

Abstract:

This paper focuses on the critical reflections of several authors referring to the strategies used in the globalizing process. From this standpoint, the objective is to understand the social and political consequences through globalization devices selecting "São Francisco Valley" as an analysis unit. It is important to stress that since the end of the eighties the area has been integrated into the international market.

Key words: Globalization – agrarian Northeast - social indigence.

INTRODUÇÃO

As multifacetadas da globalização permitem uma diversidade de enfoques, através dos quais podemos constatar que, apesar dos diferentes matizes ideoteóricos, as apreciações mais freqüentes assinalam as fragilidades ocorridas nas

¹ Professora de Sociologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista da Capes no curso de Doutorado em Serviço Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

áreas sociais, políticas e ecológicas conseqüentes desse processo. Buscando uma compreensão crítica em torno das estratégias utilizadas pela globalização, focalizaremos as abordagens teóricas de alguns autores que se colocam numa posição "não apologética" a essa nova configuração do capitalismo mundial, que vem marcando o final da década em todo o planeta. Em seguida, focalizaremos como unidade de análise a mesorregião do São Francisco Pernambucano (microrregiões de Petrolina e Itaparica), área caracterizada pela presença de complexos agroindustriais e considerada pelas autoridades governamentais com ampla vocação exportadora. A seu respeito, afirmou Arlindo Porto Neto, quando no cargo de Ministro da Agricultura e Abastecimento: "...No nordeste brasileiro, a parte semi-árida representa um potencial irrigável, principalmente ao longo do rio São Francisco, de mais de um milhão de hectares, capazes de transformar o Brasil num dos maiores exportadores de frutas e hortaliças do mundo" (1996: 9). Desse modo, o Vale do São Francisco Pernambucano vem sofrendo transformações marcadas por um crescimento econômico acelerado, marcado pela desigualdade, estando na última década sob o foco das estratégias globalizantes..

1. GLOBALIZAÇÃO - PLURALIDADE DE CRÍTICAS E INTERPRETAÇÕES

Iniciaremos este item evocando um comentário do economista norte-americano John Kenneth Galbraith, que, no ano de 1997, afirmou em entrevista à imprensa italiana: "*Globalização é um termo que eu não uso. Não é um conceito sério. Nós, os americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países. E para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas*". (1997: 8)

Na Europa, o nome de François Chesnais destaca-se no debate contemporâneo em torno da globalização, através de diversos estudos, principalmente pelo livro *A Mundialização do Capital*, que, dentre seus inúmeros méritos, está o fato de ter sido escrito na esperança de que os países periféricos possam esboçar caminhos diferentes dos que estão sendo impostos pelo Grupo dos Sete (EUA, Canadá, Japão, França, Alemanha, Reino



Unido e Itália).

Preferindo utilizar o termo de origem francesa “*mundialização*”, Chesnais (1996: 24), entretanto, reconhece que essa denominação encontra dificuldades para se impor, pelo fato de o inglês representar o veículo lingüístico do capitalismo; além de que o nome “*mundialização*” permite introduzir a idéia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir instituições políticas mundiais capazes de dominar esse movimento. Tal fato, extremamente rejeitado pelos grupos operadores financeiros internacionais, explica a preferência pelo rótulo *globalização*.

Para Chesnais a mundialização do capital resultou de dois movimentos conjuntos, estritamente interligados, mas distintos: o primeiro caracterizado como a mais longa fase de acumulação ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu desde 1914; o segundo diz respeito à política de liberalização, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento de conquistas sociais e democráticas, que vêm sendo exercidas desde o início da década de 1980, a partir dos governos de Thatcher e de Reagan.

Ignacio Ramonet (1997: 57) aparece no panorama internacional como autor de relevo pelas suas perspicazes intervenções nas discussões sobre o tema, além de ter introduzido a expressão “*regimes globalitários*” para fazer referências aos regimes políticos que se apóiam nos dogmas da globalização, negligenciam os direitos sociais do cidadão em nome da razão competitiva, abandonando aos mercados financeiros a sociedade dominada.

Os autores ingleses Hirst e Thompson (1998: 19) apresentam análises marcadas por uma difícil mistura de ceticismo e otimismo, característica essa reconhecida por eles próprios. Afirmando que a maior parte da literatura existente sobre a globalização está baseada em suposições insustentáveis, esses autores identificam-se como céticos, quando negam o desenvolvimento de uma economia mundial verdadeiramente transnacional, e como otimistas, porque acreditam na viabilidade de estratégias políticas nacionais e de controle da economia internacional. Ao desafiarem a tese do caráter de novidade relacionado à globalização, bem como o anúncio de essa ordem mundial ser menos

estadocêntrica, os autores argumentam que o processo conhecido como “*globalização*” já teve precedentes. Ex.: na segunda metade do século dezenove, houve três grandes fases de desenvolvimento rápido no investimento e comércio internacionais comparáveis ao que assistimos atualmente, e esse fator não enfraqueceu o estado-nação.

Chesnaux evidencia na globalização uma nova forma de organização social e técnica das relações de produção capitalista, nas quais as relações sociais são removidas dos seus respectivos contextos e lançadas nos nexos da sociedade global. Abordando a exploração rural, registra Chesnaux que ela “...perdeu ao mesmo tempo seu centro e sua estabilidade; ela se substitui no espaço e se renova no tempo, com o mesmo ritmo rápido das inovações técnicas e das probabilidades do mercado (...). O agricultor segue com inquietação o movimento das nuvens escuras no horizonte do seu campo, mas a modernidade o projeta mentalmente em um espaço completamente outro, o da economia mundial, segue com igual angústia a evolução dos preços do milho e dos materiais oleaginosos e os prazos dos reembolsos na caixa do crédito agrícola. O consumo de tranquilizantes é tão forte no mundo rural ‘moderno’ quanto na cidade” (1995: 20).

O canadense Michel Chossudovsky e o polonês Zygmunt Bauman aparecem no cenário do debate contemporâneo como os autores das mais recentes e instigantes análises em torno da globalização. Chossudovsky (1999: 70) realizou um primoroso estudo, analisando os impactos causados pelas reformas do FMI e do Banco Mundial em grande parte do Terceiro Mundo, salientando como a “*agenda oculta de Washington*” pretende restaurar padrões coloniais e estabelecer um mundo de desigualdade crescente. O sociólogo Bauman (1999: 27) elabora uma espécie de história da globalização, mostrando como a economia global cria uma “*classe de proprietários ausentes*”, além de abrir um fosso cada vez maior entre a classe dominante e os menos favorecidos economicamente.

Quando analisamos a cronologia da bibliografia nacional, Octavio Ianni aparece como o primeiro autor que abordou o tema da globalização, publicando, em janeiro de 1992, o livro *A Sociedade Global*. Nesse trabalho, Ianni, além de colaborar para a compreensão do fenômeno,

apresenta referências bibliográficas de autores internacionais, tais como Bryan Turner, David Held, Ignácio Ramonet e Robert Cox, trazendo para o Brasil um panorama do debate contemporâneo que acontecia na Europa e nos Estados Unidos desde a década de oitenta. Assim, em 1992 Ianni assinalava com a agudeza que sempre caracteriza seus estudos que “... a interpretação da sociedade global está apenas no início (...) Para interpretar os dilemas e as perspectivas que se estão criando com a formação da sociedade global, as ciências sociais naturalmente são levadas a mobilizar criticamente todos os seus conhecimentos acumulados, recursos teóricos e metodológicos disponíveis”.

Depois de seis anos da publicação do livro de Octavio Ianni, Celso Furtado, que, no dizer de João Manuel Cardoso de Mello (1998:24) “...continua a nos dar lições de lucidez intelectual e de coragem moral”, escreve *O Capitalismo Global*, examinando e nos advertindo para o perigo da globalização. Furtado assinala que, ao invés da preocupação com a inserção no contexto mundial, que deveria ser apenas complementar, o Governo brasileiro deveria adotar como objetivo estratégico o crescimento do mercado interno, o que significa privilegiar os interesses da população. E, adiantando uma resposta às possíveis críticas que possa receber, por não colocar como prioridade o objetivo da inserção do país na nova ordem internacional, afirma: “*Só por ignorância ou má-fé pode-se confundir essa opinião com a prédica tradicional do fechamento da economia*” (1998: 80). Para esse autor, a globalização constitui um retorno ao modelo do capitalismo original, constituindo-se em um processo através do qual a massa trabalhadora vem sofrendo reduções das suas conquistas salariais e políticas.

Werneck Vianna, sobre o qual podemos afirmar que também constitui exemplo de “*lucidez intelectual e coragem moral*”, aparece como autor das mais instigantes e perspicazes críticas à globalização. Ao registrar o esforço da construção intelectual, exercido pelo *establishment* na procura de destituir os atores sociais de qualquer papel consciente na produção da sua história, esse autor assinala: “...enquanto as ideologias, classicamente, têm tido a vocação de mobilizar os homens para a atividade (...) a da globalização difunde a postura do quietismo. Quietamente, deveríamos nos abandonar ao livre curso das coisas, confiantes em que o sistema econômico, na forma que se configurou como

dominante no cenário internacional, se dotado de irrestrita autonomia diante do campo da política, da moral e do direito, nos conduziria, como tranqüila teoria, à boa sociedade” (1998: 11).

Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori vêm elaborando valiosos estudos críticos em torno da globalização, além de assumirem uma militância bastante significativa contra as políticas neoliberais de desmonte do Estado e de abertura comercial e financeira. Ressaltando sobre a necessidade de uma crítica séria e consistente em torno da globalização, para evitar o mesmo fato ocorrido com a palavra “*imperialismo*” na segunda metade do século XIX, esses autores lembram que o termo “imperialismo”, quando foi introduzido no cenário político europeu pela linguagem jornalística, também apresentava imprecisão conceitual, vindo a adquirir uma conotação política extremamente negativa com o passar dos anos (1998: 7).

Paulo Nogueira Batista (1998: 12) realiza um estudo marcado pelo rigor das comprovações estatísticas e comprova que, na área financeira, apesar da rápida expansão das transações internacionais dos últimos trinta anos, os movimentos líquidos de capital, em relação ao tamanho das economias, ainda são menores do que foram antes da Primeira Guerra Mundial. Preocupado em desmistificar a retórica da globalização, o autor alerta para o fato de que aqueles que se envolvem excessivamente com os mercados financeiros internacionais e acreditam nas oportunidades da globalização financeira, geralmente não refletem sobre as conseqüências econômicas, sociais e políticas, que acompanham as graves crises cambiais e financeiras. Lembra também o fato de que a globalização serve aos governos para isentá-los de responsabilidade nos problemas econômicos, transferirem a culpa para as forças supranacionais.

Também ocupam destaques, na bibliografia nacional, pela crítica à globalização, José Maria Gómez, Guilherme Delgado e Tânia Bacelar de Araújo, que vêm elaborando pesquisas e estudos relacionados respectivamente às mudanças no Estado-Nação, à agricultura e âmbito regional.

Nos estudos voltados predominantemente à preocupação em examinar as transformações operadas pela globalização sobre o Estado-Nação



e sobre as condições e natureza da própria ação política, José Maria Gómez evidencia, de modo inequívoco, as interconexões acentuadas com o discurso neoliberal, nas quais os ruidosos apologistas da globalização têm sido bastante úteis aos governos adeptos dessa doutrina. Assinala Gómez: “...*essa retórica apologética da globalização é assumida de imediato como carro-chefe do ultraliberalismo conservador que, hegemônico no campo político-ideológico nos países do Norte industrializado já vinha lançando desde a década de setenta uma ofensiva total contra o Estado de Bem-Estar.*” (1997: 9).

Guilherme Delgado vem elaborando pesquisas relacionadas de forma específica à nova configuração agrária ocorrida durante as duas últimas décadas, focalizando a importância das transformações ocorridas na base técnica da agricultura e a constituição dos complexos agroindustriais. Delgado aborda o processo de integração de capitais na agricultura brasileira, indicando como o capital financeiro organiza, de forma diversificada, a aplicação dos excedentes financeiros da sociedade: centralizando e dando mobilidade, perseguindo uma taxa média de lucro das atividades e dos mercados onde opera. Registra também o fato de que o avanço produtivo na agricultura, através da integração dos mercados financeiros e produtivos, se realiza com enorme deterioração de vida dos assalariados e dos pequenos produtores. Criticando a imprecisão do termo globalização econômica, traduzida por ele como “*mudanças nas relações mercantis e políticas*”, ressalta o autor as perdas de emprego e renda rurais muito expressivas ocorridas com a inserção do Brasil no processo de internacionalização produtiva e comercial do setor rural (1999: 238).

Tânia Bacelar de Araújo dedica seus estudos às novas tendências da economia brasileira e seu reatamento na dinâmica espacial das atividades econômicas. Focalizando de modo particular, as desigualdades regionais, a autora coloca como hipóteses centrais do seu trabalho a “*inserção passiva do Brasil nos mercados em globalização*” e a “*fragmentação espacial do país em tempos de inserção competitiva*”. Sobre o Nordeste, assinala Bacelar que a sua inserção na globalização e no novo ambiente econômico

brasileiro será muito diferenciada, comprovando tal fato com percentuais representativos das exportações: em 1975, o Nordeste respondia por 17% das exportações brasileiras, caindo para 9,6% em 1990, e para 9,1% em 1995 (1997: 257).

Na tentativa de compor um quadro dos principais autores contemporâneos que parecem ser os vetores do debate em torno do processo da globalização, não pretendemos mapear de forma exaustiva a diversidade das abordagens críticas. Entretanto nos parece como exercício intelectual urgente e necessária a elaboração de uma análise preliminar das conseqüências sociais e políticas da globalização, partindo de um espaço considerado “globalizado” do ponto de vista da lógica do *hegemon*.

1. O VALE DO SÃO FRANCISCO: A CALIFÓRNIA DO NORDESTE OU EXEMPLO DE PENÚRIA SOCIAL ?

Apresentando em 1991 uma população correspondente a 5% da população estadual, a mesorregião do São Francisco, apesar dessa fraca participação, constitui a área que apresenta as mais elevadas taxas de crescimento demográfico de Pernambuco. A distribuição desse contingente populacional é bastante irregular, estando concentrada ao longo do rio São Francisco, onde estão localizados os núcleos urbanos.

Petrolina e a microrregião de Itaparica ocupam lugares de evidência no contexto da mesorregião, pelo fato de apresentarem particularidades bastante definitivas no processo de transformação social vigente na área. No caso de Petrolina, observamos um contínuo incremento demográfico desde a década de 70, devido à intensificação dos projetos de irrigação e aos investimentos em obras de infra-estrutura, que provocaram fortes fluxos migratórios intra e inter-regionais direcionados para esse município, que se tornou um pólo regional de atração de migrantes à busca de trabalho. Também se dirige para Petrolina e seus municípios vizinhos, embora com menor intensidade, uma migração de mão-de-obra com qualificação definida, vinculada às atividades do setor terciário e à produção agroindustrial. Diante desse

cenário, os meios de comunicação iniciaram uma ampla divulgação dos benefícios da modernização agrícola vigente na área, fazendo comparações com a *Califórnia*, evocando *o novo Eldorado* etc. Numa reportagem publicada no *Diário de Pernambuco*, de 27 de outubro de 1996, por exemplo, denominada *Estrangeiros acham o novo Eldorado no São Francisco*, existem referências sobre o comportamento cosmopolita dos residentes nessa área, principalmente daqueles segmentos beneficiados pela modernização na agricultura.

Quanto à microrregião de Itaparica, apesar da sua pouca expressão populacional, ela apresenta particularidades que trouxeram transformações significativas para o Vale do São Francisco nas áreas sociais, econômicas, demográficas e ecológicas. Tais particularidades, decorrentes da construção do lago de Itaparica, implicaram a submersão das cidades de Petrolândia e Itacuruba, penalizando aproximadamente 30.000 pessoas. Esses dois municípios tiveram partes das suas terras agricultáveis inundadas e suas populações foram objetos de políticas de reassentamento em projetos de irrigação. Atualmente a Nova Petrolândia apresenta um crescimento populacional expressivo devido ao fluxo de trabalhadores atraídos pelas obras da barragem e pelas oportunidades de emprego na construção civil. Dessa forma, cresce e consolida-se o número de favelas e de diversos problemas urbanos, como o abastecimento d'água, destino do lixo, saneamento básico e, conseqüentemente, as doenças endêmicas vêm tomando uma dimensão cada vez maior.

Como vimos na Introdução deste artigo, o *Vale do São Francisco* foi considerado recentemente pelo governo federal como “*espaço globalizado*” e constitui, desde meados de 70, uma das áreas mais dinâmicas do nordeste agrário, devido ao apoio recebido pelo Estado, através da introdução de projetos de irrigação. A partir dos meados da década de 80, por meio da política de irrigação desenvolvida pela *Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf)*, o crescimento da produção no setor de fruticultura tomou impulsos bastante amplos, estabelecendo vínculos comerciais com o mercado internacional. Desse modo, a dinâmica causada pela agricultura irrigada condicionou

modificações marcantes na estrutura de emprego dos municípios mais representativos desse tipo de atividade, tais como Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Contingentes populacionais significativos buscavam essas áreas atraídos pela oferta de trabalho existente em diversos setores da economia, reforçando, desse modo, as denominações fantasiosas em torno desse espaço, rotulado pelos meios de comunicação como a *Califórnia do Nordeste*, *Eldorado*, *Califórnia do Sertão*, etc.

Para melhor compreensão do *Vale do São Francisco* como espaço globalizado, utilizaremos como diretrizes básicas do nosso estudo as noções de “*estratégias seletivas*” inerentes ao processo de globalização e de “*polarização interna de cada país*”, propostas por Chesnais:

“.....o termo ‘global’ se refere à capacidade da grande empresa de elaborar, para ela mesma, uma estratégia seletiva em nível mundial, a partir de seus próprios interesses. (...) as operações feitas com finalidade lucrativa para ‘frutificar’ um capital, são por definição (sem que seja uma tautologia) ‘seletivas’. Não é todo o planeta que interessa ao capital, mas somente partes dele, mesmo que suas operações sejam poluidoras a nível mundial no plano da ecologia como em outros.”

Aplicando a noção de “*estratégia seletiva*” ao nordeste brasileiro, constatamos a existência de espaços que apresentam interesses econômicos e estratégicos para os países que estão no centro do oligopólio mundial. Como exemplos dessas áreas “*atraentes*” do ponto de vista das estratégias globalizantes”, temos os pólos de fruticultura do Vale do São Francisco (PE e BA) e do Vale do Açu (Rio Grande do Norte); o complexo petroquímico de Camaçari; a agricultura de grãos dos cerrados baianos e o complexo metalúrgico do Maranhão, associado ao Programa Grande Carajás. Essas experiências de “*espaços globalizados*”, dirigidas, na maior parte dos casos, pelo Estado Nacional e reforçadas pela acumulação privada, comprovam as potencialidades do nosso território, mas vêm contribuindo para acelerar o aumento da pauperização.

Quanto à *polarização*, para Chesnais, em primeiro lugar, ela é interna a cada país, existindo também uma *polarização internacional*, que aprofunda brutalmente a distância entre os países situados no



oligopólio mundial e os países da periferia. Aplicando essa noção de *polarização interna* à área do vale do São Francisco, é possível constatar que, através da fruticultura - implementada pela presença de vários projetos de irrigação -, essa área vem exercendo uma polarização na região nordestina, atraindo fluxos migratórios de diversas áreas do Estado e de municípios vizinhos. Arrendatários e meeiros com suas terras desapropriadas aumentam o número de assalariados (diaristas e safristas) nas épocas das colheitas; enquanto que, por outro lado, pequenos e médios empresários instalam-se na região, atraídos pela utilização de uma mão-de-obra de baixo custo, na qual ocupam lugar de destaque numérico os contingentes feminino e de menores.

Analisando a expansão e precarização do trabalho assalariado, não devemos deixar de registrar as suas causas, localizadas nas imposições exercidas pelo FMI, que, desde o início da década de 80, aponta para a redução de subsídios para os pequenos e médios agricultores. Constatamos recentemente uma grande parte de trabalhadores tornando-se falida, aumentando de modo acentuado o número de trabalhadores rurais sem terra; por outro lado, aumenta o poder de uma nova classe rentista, denominada por Chossudovsky (1999: 139) de *“senhores da água”*.

A consolidação das áreas de modernização ocorrida nessas duas últimas décadas ocorre com rupturas e desigualdades extremas, podendo ser visualizada em alguns exemplos, dentre os quais citaremos o Shopping River de Petrolina. Reconhecido pela classe média como o principal local de compras da cidade, seu nome, apesar de fazer referência ao Rio São Francisco, constitui uma forma de envolver a população no *“sonho global”*. A esse respeito lembramos Bernard Cassen quando adverte: *“É preciso lutar pela própria língua, devemos impedir a invasão, a proliferação do inglês(...) as línguas são focos de resistência. Uma língua é uma visão de mundo. Não é minha a citação, é de Gramsci. A partir do momento que você utiliza a língua do outro, você adota outra visão, assume a visão do outro. Então a invasão lingüística não é somente cultural, é geopolítica”* (1999: 13).

Fato semelhante ocorre com *os grandes e médios produtores vinculados ao comércio* de exportação, que

recebem visitas periódicas de técnicos enviados pelo *US Department of Agriculture (USDA-EUA)* para inspecionar as formas de produção e de embalagem das frutas etc. Desse modo, como advertem Barnet e Cavanagh, esse processo imposto pelas classes dominantes, denominado *“globalização”*, procura exibir uma imagem da civilização como um supermercado planetário. Conforme esses autores, o *“shopping global”* induz as pessoas a comerem um certo tipo de comida, usar um certo tipo de roupa e divertirem-se com um tipo de alegria imposta como a mais adequada (1994: 16).

1.1. TRABALHO RURAL, JUSTIÇA E SEGURANÇA

Ao lado dos *“sonhos e enlevos globais”*, vêm crescendo o número de assalariados sem qualificação profissional bem como as expectativas de trabalho caracterizadas por uma acentuada precariedade e a pauperização visível, principalmente, quando focalizamos o problema da coexistência de padrões modernos de agricultura com os tradicionais. Esse último fator concorre para dificultar a elaboração de uma tipologia dos trabalhadores rurais atuantes no Vale do São Francisco. Parece-nos, entretanto, que Didier Bloch (1996: 47) conseguiu elaborar um perfil da estrutura de ocupação bastante fidedigno, que transcreveremos a seguir:

- **pequenos produtores da área de sequeiro**, praticando a criação extensiva de cabras e algumas vacas na caatinga e a agricultura de subsistência à base de feijão, milho e mandioca, proprietários ou não (parceiros, meeiros, moradores etc);
- **lavradores praticando a tradicional agricultura de vazante**, isto é, aproveitando-se das baixas do rio para cultivar a faixa inundável muito fértil;
- **pescadores** nos lagos e nos rios;
- **pequenos e médios irrigantes**, proprietários ou não, usando a água do rio para cultivar hortifrutigranjeiros, como cebola, melão, melancia, tomate; e os irrigantes de maior poder aquisitivo, que cultivam também uva e manga;
- entre os pequenos e médios irrigantes, destacam-se os **colonos**, donos de lotes de mais ou menos

7 há, nos diversos grandes projetos públicos, onde a infra-estrutura (grandes redes de canais de irrigação, habitação e serviços, cooperativas) foi totalmente planejada pela Codevasf;

- **assalariados**, em número crescente, trabalhando como diaristas, safristas ou permanentes, seja nas grandes fazendas modernas, praticando agricultura irrigada, com destaque para a fruticultura, seja em propriedades menores, com destaque para o cultivo do tomate e da cebola, onde se utiliza bastante mão-de-obra diarista em época de colheita;
- **reassentados** – pessoas atingidas pela construção das grandes barragens (Sobradinho em 1979 e Itaparica em 1987). A grande maioria dos trabalhadores rurais atingidos pelas barragens foi despejada e mal indenizada. Muitos foram realocados em agrovilas, muitas vezes com infraestrutura inadequada, onde boa parte fica inativa, aguardando as instalações prometidas pelo governo.

Ressalta Bloch que as categorias por ele referidas não são excludentes, podendo, assim, ocorrer casos nos quais uma mesma pessoa pratica a agricultura de vazante e a pesca. Acrescenta também que as três primeiras categorias citadas (pequeno agricultor de sequeiro, de vazante e pescador) estão sendo ameaçadas de desaparecer por diversos fatores, tais como: aumento do preço da terra nas margens do rio; queda da produção de peixes devido à construção das barragens e disputa das vazantes dos lagos com os fazendeiros e seus gados.

Enquanto existe uma observação sobre as ameaças de desaparecimento de algumas categorias de trabalho, torna-se imprescindível ressaltar um agravante a essa situação, relacionado ao crescimento do cultivo e da comercialização ilegais da maconha (*Cannabis sativa*). Tais atividades apresentam elevada rentabilidade, provocando problemas ligados ao tráfico de armas, além de inúmeros outros indicadores de violência. A imprensa nacional já registrou tal situação, assinalando os altos preços pagos pelo quilograma desse alucinógeno. As vantagens financeiras do cultivo da maconha são analisadas numa reportagem de uma revista de circulação nacional, através da comparação com 15

(quinze) dias de trabalho numa lavoura de cebola, que equivalem ao lucro de 1(um) dia de trabalho num roçado de maconha. (Revista ISTO É, 26/06/96, p.19)

Quanto aos assalariados rurais do vale do São Francisco, devemos evidenciar a sua crescente expansão, que vem abrangendo diaristas, safristas e permanentes e os pequenos agricultores, que, enfraquecidos nas suas posições, passam a fazer parte do mercado de trabalho assalariado. Esses trabalhadores convivem com o injusto aumento excessivo de tarefas em certas fases da produção e da colheita, além de uma extrema precariedade nas formas através das quais ocorrem o recrutamento e a remuneração. Quanto aos demandantes dessa categoria de trabalhadores, esses são constituídos por pequenas empresas, que além de não cumprirem os requisitos juridicamente estabelecidos, não apresentam condições de trabalho legalmente regularizadas.

Devido ao baixo nível de mecanização da agricultura bem como à sazonalidade da produção, que se traduz em descontinuidade na procura de mão-de-obra, é visível o aumento da demanda de trabalho assalariado, que vem ocorrendo em nível bastante superior à oferta potencial vinculada às áreas dos projetos irrigados. Em face das novas condições das estratégias globalizantes, parece claro que a fase em que vivemos do capitalismo agrário não criou um proletariado moderno, marcado por representações políticas ativas.

Tudo parece mostrar que os enlevos das fantasias globalizantes chegaram ao extremo, ou caminham para uma recolonização selvagem, quando impõem uma imagem de *Califórnia do Nordeste* a um espaço do nosso nordeste agrário marcado, cada vez mais, por uma acentuada penúria social e política.

CONCLUSÕES

Nos últimos anos, as tendências nacionais estão fortemente ligadas à busca de uma integração competitiva, na qual a adequação ao *Consenso de Washington* impõe a utilização de estratégias seletivas convenientes aos interesses do *hegemon*. A cidade de Petrolina (PE) no *Vale do São Francisco* destaca-se



pelas suas condições de acessibilidade (fator imprescindível em tempos de abertura comercial), pela disponibilidade de uma infra-estrutura física privilegiada, além de outros elementos que lhe conferem uma feição atraente do ponto de vista da lógica “global”. Mas estaremos diante de um “*espaço globalizado*” do tipo “*supermercado planetário*” ou diante de uma área marcada por uma extrema penúria social?

Recentemente o governo brasileiro vem acelerando medidas de “ajustes” a uma nova ordem internacional, conformando uma situação marcada por uma frágil soberania do Estado. Dentre as mudanças, destacaremos os mecanismos de maior significado para a agricultura nacional:

- a) adoção de uma política de abertura comercial intensa;
- b) adequação aos novos requisitos locacionais e de infra-estrutura, vistos como imprescindíveis à alocação dos investimentos diretos externos;
- c) consolidação do Mercosul;
- d) perda de poder por parte do governo nacional para o desempenho das políticas fiscal e monetária.

Diante da necessidade de adaptar-se às estratégias globalizantes, as políticas públicas estimulam os complexos agroindustriais, provocando o surgimento de um crescimento econômico razoável, com base em uma nova configuração do rural. Entretanto as graves conseqüências humanas podem ser percebidas na radical modificação das relações de trabalho, nas quais várias formas vão desaparecendo, dando lugar aos assalariados capitalistas, caracterizados pela extrema precariedade de trabalho e de remuneração.

O processo da globalização parece reavivar e acrescentar novos elementos às questões relacionadas às alternativas capazes de evitar deterioração das condições decorrentes da mundialização da economia. Nesse ponto, devemos lembrar o surgimento de iniciativas de diversos gêneros que visam à promoção dos princípios éticos no combate às conseqüências nocivas da globalização. Dentre essas iniciativas, podemos citar a *ATTAC- Associação para uma Taxação das Transações*

Financeiras para o Apoio aos Cidadãos e a Organização Internacional do Trabalho

A *ATTAC* tenta mobilizar a opinião pública contra a ditadura do mercado financeiro. Criada na França, através de um editorial de Ignácio Ramonet, publicado no *Le Monde Diplomatique*, em dezembro de 1997, a *ATTAC* atualmente já conta com o apoio de entidades de várias áreas, que congregam múltiplos segmentos sociais, tais como camponeses, professores, banqueiros e vem tomando proporções de um movimento internacional.

Quanto à OIT, a Conferência Internacional do Trabalho, adotou em junho de 1998 uma *Declaração sobre os Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho*, por ocasião do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, objetivando a promoção dos princípios e direitos fundamentais no trabalho.

Enquanto associações desse gênero ampliam e consolidam as suas atividades, devemos examinar criticamente a avalanche de mecanismos globalizantes que crescem gradualmente. Conhecendo a realidade da maior parte dos trabalhadores rurais do Vale do São Francisco, podemos afirmar que a *Califórnia do Nordeste*, o *Eldorado* ou quaisquer outras denominações que induzam à prosperidade não constituem apenas ilusões. Fatores desse tipo fazem parte das estratégias globalizantes, que simbolizam uma política de dominação capaz de minimizar os valores tradicionais de ordem social, cultural e política do Vale do São Francisco como de qualquer outra região de um país periférico.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREFF, Wladimir. *Les Multinationales globales*. Paris : La Découverte, 1996.
- ARAUJO, Tânia Bacelar. *Dinâmica Regional Brasileira : rumo à desintegração competitiva?* In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio (org). *Política e Contemporaneidade no Brasil*. Recife : Bagaço, 1997.

- ASFORA, Raymundo Y. **47ª Legislatura**. Brasília : Câmara dos Deputados / Centro de Documentação e Informação, 1987. (Separatas de Discursos)
- BARNET, Richard J., Cavanagh, John. **Global Dreams**. Imperial Corporations and the New World Order. New York : Touchstone, 1994.
- BATISTA JUNIOR, Paulo. **Mitos da "Globalização"**. São Paulo : USP/IEA, 1997. (Coleção Documentos, 52).
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1999.
- CASSEN, Bernard. **O Brasil está à venda. Caros Amigos**, São Paulo, n. 30, p. 10-13, set. 1999.
- CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo : Xamã, 1996.
- CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo**. Petrópolis : Vozes, 1996.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. **A Globalização da Pobreza**. São Paulo : Moderna, 1999.
- DELANGLADE, Sabine. **Crise – Lê libéralisme est-il devenu fou ?** In: *L'Express*, Paris, Groupe Express, 29/10/98, p. 40-47.
- DELGADO, Guilherme. **Nova configuração da política agrária nos anos 90 e o processo de globalização**. In: REDESCOBRINDO o Brasil – 500 anos depois. Rio de Janeiro : Bertrand, 1999.
- FURTADO, Celso. **O Capitalismo Global**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Entrevista concedida à Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 nov. 1997. p. 8.
- GÓMEZ, José Maria. **Globalização da política-Mitos, realidades e dilemas. Praia Vermelha-Estudos de Política e Teoria Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-46, 1997.
- _____. **Globalização, Estado-Nação e Cidadania. Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, PUC, v. 20, n. 1, jan./jun. p. 7-89, 1999.
- _____. **Globalização, redefinição do papel do estado e reinvenção da comunidade política-balanço**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 1999, Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre, 1999.
- HELD, David. **A Democracia, o Estado-Nação e o Sistema Global**. Lua Nova, São Paulo, n. 19, 1991.
- HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão**, Petrópolis, Vozes, 1998.
- IANNI, O. **A Era do Globalização**, Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1992.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE PERNAMBUCO. **Mesorregião do São Francisco. Pernambucano**. Recife, 1998. (Série Microrregiões).
- MELLO, João Manuel Cardoso. **A contra-revolução liberal-conservadora e a tradição crítica latino-americana**. In: TAVARES, M.da Conceição e FIORI, José Luís (org.). **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis : Vozes, 1997.
- O NEOLIBERALISMO na América Latina: carta dos superiores provinciais da Companhia de Jesus na América Latina. **Documernto de Trabalho**. São Paulo : Loyola, 1996.
- PORTO NETO, Arlindo. **A Política Agrícola e a Globalização. Revista de Política Agrícola**, a. 5, n. 4, p. 5-11, out./dez. 1996.
- RAMONET, I. **Geopolítica do Caos**. Petrópolis : Vozes, 1997.
- SIZE, Pierre. **Dicionário da Globalização : a economia de "A" a "Z"**. Florianópolis : Obra Jurídica, 1997.
- TAPIOLA, Karl. **Empresas Multinacionais e os Desafios Sociais do Século XXI**. In: SEMINÁRIO GLOBALIZAÇÃO, PRINCÍPIOS E DIREITOS FUNDAMENTAIS: implicações e seguimento da declaração da OIT sobre os princípios e Direitos fundamentais no trabalho. São Paulo, setembro de 1999 (mimeo).
- TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luís (Org.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis : Vozes, 1998.
- VIANA, Werneck Luiz. **Globalização e República. Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1998, p. 11.

